UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA

PALCO

JUIZ DE FORA, OUTUBRO. 2011. ANO IV. Nº 22

MURILO MENDES ENTRE ARTE E PALAVRAS

"Roma é isto: sente-se a presença de gênios como eles para qualquer lugar que se vá", disse Murilo Mendes, referindo-se aos mestres da pintura renascentista Rafael, Botticelli, Perugino e Michelangelo, ao jornalista e dramaturgo Jorge Andrade, que durante 12 dias esteve ao lado do poeta juiz-forano a fim de redigir uma reportagem para a edição de agosto de 1972 da revista *Realidade*. Professor em Roma, Murilo confirmou, em terras italianas, sua força e potência como intelectual universal, reunindo ao longo da vida artistas das mais diversas áreas. "Aqui encontrei amigos deliciosos: que geralmente não crêem que 2 + 2 = 4", revelou o autor, em manuscrito publicado no livro *L'Occhio del Poeta*, de Luciana Stegagno Picchio.

Aberta este mês no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), a exposição *Murilo Mendes – Poeta peregrino na Itália* descortina os tantos laços de amizade entre o escritor e artistas plásticos que resultaram numa estreita relação entre versos e tintas, revelada em textos críticos do escritor. "Sinto que diante de mim está um homem cuja verdade se confunde com a arte, com a estética. Percebo que não importa dizer como é o homem, mas mostrar sua alma, irmã da poesia, das manifestações da arte em geral", descreve Andrade, cujas impressões expõem um Murilo integrado ao ambiente artístico do país que escolheu como casa.

Reunindo obras de modernistas italianos, como Giuseppe Capogrossi, Giorgio de Chirico, Mário Padovan, Achille Perilli, Gastone Biggi e outros nomes consagrados, a mostra apresenta um pouco do acervo do poeta, cujas grandes atrações são as dedicatórias que as obras ostentam, denotando o carinho e a admiração dos artistas. "Os amigos de Murilo eram todos envolvidos com as artes, eram grandes artistas, grandes pensadores. E havia uma relação de equidade em suas amizades", afirma a pesquisadora Marisa Timponi, que, em parceria com a também pesquisadora Leila Barbosa, publicou o livro *Ismael Nery e Murilo Mendes: Reflexos*, editado pelo selo MAMM, da UFJF.

Estrangeiro, Murilo Mendes estabeleceu-se em harmonia com a cidade milenar, de forma tal que registrou, também no manuscrito: "Vivendo em Roma não sinto necessidade de ir à lua, somos aqui, todos, lunáticos". A inflamada declaração era compartilhada pelos amigos artistas, que lhe pediam resenhas críticas, apresentações e outros formatos textuais. Segundo o amigo Piero Dorazio, em declaração na *Poesia Completa* de Murilo, "o que surpreende sempre é o modo original com que ele consegue traduzir sensações, espaços, luzes e cores em palavras, que, no entanto não os descrevem, mas antes exprimem a sua substância intrínseca, em termos poéticos".

Exercitada a pedido dos amigos, a faceta de crítico de arte revela a tentativa de alcançar objetividade, ora em poemas, ora em ensaios. "Suas críticas eram sempre cercadas por justificativas, pelo raciocínio, por formas que as sustentassem de alguma maneira. Eram escritos com linguagem crítica bastante rigorosa e imagens fortes", analisa o professor e crítico de arte Lorenzo Mammì (USP), que explica que, para o poeta, a crítica era concebida como uma forma de literatura, "uma crítica pelas imagens magníficas".

Recorrendo ao complexo e criativo universo dos versos, Murilo formula questões críticas sem preocupação teórica, mas em sintonia com os modelos artísticos produzidos à época. Sobre obras de Antonio Corpora, que nomeia como "constelações plásticas", afirma que "propõem a passagem de um estado larvar a um estado dinâmico em que as cores são traduzidas, revelando uma clarificação da visão do pintor, não mais escravo dos elementos emotivos, mas estabelecedor de equivalência entre matéria e forma".

Arte sobre serigrafias de Alberto Magnelli, s/título, 1970.

O BRASIL EM VENEZA

Representativa de uma nova fase, a Bienal de Veneza de 1964 assinala a influência e a importância de Murilo Mendes no universo das artes plásticas, tanto na Itália como no Brasil. Convidado pelo setor de Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores, o poeta foi o responsável pela escolha dos artistas brasileiros expostos na mostra italiana. Inaugurado naquele ano, o pavilhão brasileiro – rememorado na atual exposição do MAMM –, projetado por Amerigo Marchesin nos Giardini de Veneza, teve Abraham Palatnik, Alfredo Volpi, Almir Mavignier, Franz Weissmann, Frans Krajcberg, Glauco Rodrigues e Tarsila do Amaral como amostras da produção tupiniquim.

Segundo a professora do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, Maria Lúcia Bueno, "a seleção de Murilo dialoga melhor com os artistas italianos contemporâneos naquele momento", o que revela a postura sóbria do escritor diante de sua terra. "Qualquer recorte oficial não faria essa relação que ele fez. Ele tinha intimidade com esses artistas", analisa Maria Lúcia, que ainda destaca a reunião dos concretistas com a modernista Tarsila, à época um pouco esquecida no país.

Tal seleção parece corresponder à descrição de Jorge Andrade: "[Murilo] revelava-se o amante do belo, o homem que assumiu a condição da arte como o ar que se respira". Dessa forma, justifica-se uma representação brasileira liberta de ufanismos e afetações, uma seleção que se firmou no desejo de estabelecer a multiplicidade e o vanguardismo brasileiros. "Essa exposição traz elementos novos para pensar a arte brasileira", reflete Maria Lúcia, numa assertiva que, diante de *Murilo Mendes – Poeta peregrino na Itália*, também pode ser aplicada à arte italiana.

Mauro Morais

NESTA EDIÇÃO

1930
DRUMMOND, MURILO E BANDEIRA

VISITAS GUIADAS
INCLUSÃO SOCIAL

DIÁLOGOS ABERTOS
LEGADO DE JURACY NEVES

MÉRITO
TRIBUNA DE MINAS

PRECURSOR
CULTURA IMPRESSA

CAPELA
GALERIA DE ARTE

EUCLIDES DA CUNHA
PESQUISA E LITERATURA

SEMINÁRIO
O POETA E A ITÁLIA

1930 ANO DA POESIA

A Semana de Arte Moderna consagrou o ano de 1922 como o nascimento do modernismo. No entanto, foi no ano de 1930 que a poesia modernista atingiu a maioridade com a publicação da obra-prima de Manuel Bandeira (*Libertinagem*) e as estreias de Carlos Drummond de Andrade (*Alguma poesia*) e Murilo Mendes (*Poemas*).

Em *Libertinagem*, Bandeira foi perfeito ao realizar uma poesia em verso livre, baseada em situações cotidianas, escrita em linguagem coloquial, com uma visão profundamente irônica sobre a existência humana. "Libertinos" era como chamavam, na antiga Roma, os homens livres sem ascendência nobre. No poema *Poética*, lemos: "Não quero mais saber do lirismo que não é libertação". Em *Pneumotórax*, encontramos a medida exata entre drama e ironia. O início é dramático: "Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos / A vida inteira que podia ter sido e que não foi". Bandeira era tuberculoso. O primeiro verso descreve os sintomas da doença. Ao final, pergunta ao médico se não seria possível tentar o pneumotórax, o tratamento mais radical, e ouve esta resposta: "Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino".

Carlos Drummond de Andrade disse em uma entrevista: "Manuel foi a minha verdadeira e pessoal Semana de Arte Moderna". Inquieto em sua estreia, Drummond ainda estava inseguro quanto ao seu potencial, daí o título *Alguma poesia*. Mas a abertura é memorável, o *Poema de sete faces* e seu início dramático: "Quando nasci, um anjo torto / desses que vivem na sombra / disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida". O final irônico revela a influência de Bandeira – "Eu não devia te dizer / mas essa lua / mas esse conhaque / botam a gente comovido como o diabo". Como aluno aplicado, esforça-se para superar o mestre. Sua originalidade aparece na reflexão metafísica sobre a existência, como em "No meio do caminho... tinha uma pedra". Cada aspecto da vida, desde os relacionamentos amorosos (*Quadrilha*) ao pânico da guerra (*Congresso internacional do medo*), é considerado ora com ironia, ora com inquietação.

Esse clima poético propenso à tirada sagaz, ao poema-piada, arejou o ambiente para a estreia de Murilo Mendes. Segundo Mário de Andrade, *Poemas* era "o mais importante dos livros do ano". E foi mesmo, tanto que ganhou o prêmio Graça Aranha. Para Mário, os poemas de Murilo exalavam uma naturalidade só "mesmo admissível no gavroche carioca". O que levou o paulista a ver "carioquismo" no poeta juiz-forano? Poemas como *Noite carioca* e seu final boêmio: "O Pão de Açúcar é um cão de fila todo especial / que nunca se lembra de latir pros inimigos que transpõem a barra / e às 10 horas apaga os olhos pra dormir".

Poemas é um livro eclético e mutante. Do começo ligado aos clichês do modernismo – como a paródia à *Canção do exílio* –, avança para outros terrenos, como as descrições da vida cotidiana, sempre conciliando uma visão incomum sobre a existência. Um livro que se transforma diante do leitor. Mas em cada poema, sob um ângulo diverso, encontramos aquela profunda ironia sobre as relações humanas, como em *Transformações paralelas*: "Ele separou-se da mulher / porque notou que as formas dela se alteram pouco a pouco / mas as formas dele também se alteraram pouco a pouco".

Nos anos seguintes, Bandeira, Drummond e Murilo, em particular os dois últimos, escreveriam obras que estenderiam e arrebentariam os limites do modernismo. Seja como for, 1930 ficou marcado como o ano de consagração da poesia moderna brasileira.

Anderson Pires da Silva
Professor de literatura e escritor, autor de
Mário e Oswald: uma história privada do modernismo

VISITAS GUIADAS ESTRATÉGIA EDUCATIVA

Se um museu não é capaz de apresentar uma vida ativa de visitações diárias, ele não passa de um simples espaço para armazenar obras de arte. Este traço está longe de poder caracterizar o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), que, ao contrário, se caracteriza por disponibilizar uma programação que o aproxima da sociedade e que oferece ações culturais para o crescimento educacional, turístico e a inclusão social.

Junto à programação expositiva do MAMM, uma equipe de arte-educadores e monitores atua para acolher todos os visitantes que o museu recebe. De acordo com Vinícius Steinbach, da Divisão Educativa do museu, o compromisso social do espaço se renova a cada grupo que visita a instituição. "A cada exposição, oferecemos à sociedade um produto cultural que visa, em seu princípio básico, a modificar de alguma forma o espectador, que vem ao museu em busca das possibilidades inerentes ao seu acervo."

Em cartaz até setembro passado, *História em Quadrões: Pinturas de Mauricio de Sousa* foi a última exposição que a *Galeria Convergência* exibiu. A mostra com pinturas do cartunista Mauricio de Sousa movimentou o espaço de forma intensa: entre crianças e adultos, o MAMM chegou a receber 500 visitantes por dia aos finais de semana. "É com muita satisfação que observamos o crescimento do MAMM como estratégia educativa utilizada pelas escolas de Juiz de Fora e região", constata Steinbach.

Mais de 15 mil pessoas passaram pelo museu nos últimos dois meses para visitar as releituras da Turma da Mônica de obras-primas de grandes mestres da pintura. Estudantes de várias escolas estaduais participantes do Poupança Jovem, programa do governo de Minas que incentiva a formação pessoal, social, cultural e profissional de alunos do ensino médio, visitaram a mostra no MAMM. Vários deles participaram de uma experiência inédita: muitos nunca haviam estado em um museu.

O teor lúdico de *História em Quadrões* contribuiu para a receptividade dos adolescentes, que demonstraram muito interesse na exposição. De acordo com a coordenadora local do programa Poupança Jovem, Daniela Assis, todos adoraram a oportunidade de conhecer de perto o trabalho de Mauricio de Sousa. "Certamente, esta experiência será inesquecível para muitos educandos. O ambiente, a contextualização do museu e as obras ficarão marcados na vida destes jovens", avalia.

As visitas guiadas ao museu reúnem a maioria dos frequentadores que o MAMM recebe e abrangem não somente as explicações dos monitores sobre as exposições, como também oficinas artístico-pedagógicas e exibição de vídeos. Como espaço democrático dedicado à reflexão sobre a cultura produzida no Brasil e no mundo, o MAMM reafirma seu compromisso social estimulando o senso crítico e incentivando o debate em torno da arte. "Este tipo de iniciativa proporciona um sentimento de pertencimento a um grupo, despertando uma outra leitura de mundo nos adolescentes", completa Daniela Assis.

INTERAÇÃO

Aline Bastos, assistente de campo do programa Poupança Jovem que intermediou a ida de várias escolas estaduais ao museu, acredita que as visitas guiadas e o trabalho dos monitores possibilitam a aproximação do público com as obras e com a proposta dos expositores. "Os monitores são indispensáveis para que a atividade, além de lúdica, tenha um caráter educativo. A interação com eles possibilita a disseminação do conhecimento, através da apreensão do tema e da vida do artista, além de despertar o respeito pela cultura e pelos espaços culturais de nossa cidade."

O grande fluxo de pessoas estimulou a oportunidade de aprimorar o atendimento e a dinâmica de público, de acordo com Vinícius Steinbach. "A cada exposição definimos oficinas didáticas e procuramos destacar e discutir características específicas trabalhadas durante as visitas e propor uma atividade que possibilite ao participante desenvolver um trabalho prático e que estimule seu senso crítico." O público se configura, então, como o grande compromisso da Divisão Educativa do museu. Assim, cada visita se torna única; cada visitante, um indivíduo específico, que requer diferentes abordagens; e o MAMM, um espaço que suscita sonhos e cria conhecimento.

Gabriel Miranda

DIÁLOGOS ABERTOS JURACY NEVES

Construção civil, comunicação, indústria gráfica, teatro, educação, saúde. Nessas e em outras áreas, o empresário Juracy Neves provou ser um empreendedor nato, um dos mais importantes de Juiz de Fora, cidade que sua família, vinda de Lima Duarte, adotou quando ele tinha 12 anos. Aqui formou-se em medicina e, ainda na faculdade, iniciou a marca do pioneiro que o acompanharia em outras iniciativas ao criar o primeiro curso pré-vestibular da cidade. Depois vieram o Instituto Oncológico, o Hospital São Marcos, a construtora Solar, a rádio Solar, o jornal *Tribuna de Minas* e, dentre muitos outros empreendimentos, a Esdeva, que ele transformou numa das maiores gráficas do país. Em depoimento ao projeto Diálogos Abertos, em 14 de abril de 2009, Juracy Neves lembrou sua trajetória de sucesso.

JUIZ DE FORA

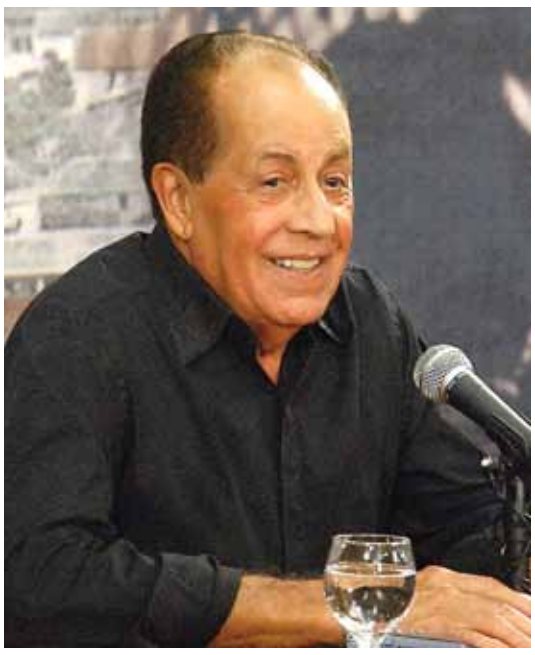
Juiz de Fora hoje é um grande centro de prestação de serviço. Temos uma estrutura educacional de altíssima qualidade. Temos uma boa estrutura hospitalar de saúde, bom comércio. O que acontece é que, pelo fato de a região ser muito pobre, o valor agregado é muito baixo, o volume de dinheiro circulante é muito pequeno em relação à grandeza da cidade. A solução para Juiz de Fora tem que passar pelo desenvolvimento da região, não adianta querer desenvolver a cidade, trazer indústrias, crescer. O que vai acontecer? O que aconteceu nos grandes centros. Vai inchar a cidade, cair a qualidade de vida. Então o prefeito de Juiz de Fora tem que ser o prefeito da Zona da Mata, tem que liderar o desenvolvimento da região para beneficiar a cidade.

MEDICINA

Em Lima Duarte, em plena Segunda Guerra, um médico fez um discurso que me tocou naquela ocasião. Ele disse: "Se preciso for, largarei o bisturi para pegar na baioneta". Nasceu então em mim um médico, nasceu a vocação. Vim para Juiz de Fora com este propósito, estudar medicina. Fiz meu curso secundário na Academia, mas sempre dentro deste espírito – Eu tenho que ser médico. Trabalhei durante três anos de carteira assinada, mas nunca mais assinei carteira. Daí, abri o botequim; em seguida, entrei na Faculdade de Medicina. Na Faculdade de Medicina, criamos um curso preparatório para vestibular, um cursinho que não existia. O cursinho sempre foi [resultado de] uma deficiência do ensino médio no Brasil desde aquela época (1953), e continua sendo até hoje. É lamentável, mas foi o cursinho que me permitiu estudar medicina. Então, para ser médico, tornei-me um professor.

SUCESSO

O sucesso depende primeiro da oportunidade; em segundo, do talento; e em terceiro, da coragem. Oportunidade aparece para todo mundo, mas você tem que ter talento para saber aproveitá-la, e tem que ter coragem para embarcar nesta oportunidade. Eu sempre fui um homem que nunca perdi uma oportunidade. [...] Difícil é para quem não quer enfrentar. O que é difícil, se você tiver coragem, passa a ser fácil. [...] Hoje, todo mundo tem oportunidade, mas, se não tiver capacidade para aproveitá-la, não adianta; ela passa, para muitos já passou. Tem que ter um talento e coragem.



ANTROPOLOGIA

A antropologia foi o que realmente mudou minha vida, as minhas concepções, a minha ideologia, as minhas convicções. Transformou-me. Passei por uma reciclagem. Aquele menino católico – minha mãe era extremamente católica – se rebelou contra tudo isso. Minha crença na imortalidade (era céu ou inferno) passou a ser na obra. Então, a antropologia para mim foi uma das grandes coisas da minha vida neste sentido, não no sentido financeiro, mas no sentido cultural.

FELICIDADE

Meu lema de vida sempre foi o seguinte: todo ser humano busca a felicidade. Mesmo um suicida suicida-se para ser feliz. Então todo ser humano busca a felicidade. Se você faz uma coisa que gosta, você é feliz; se você não gosta, passa a gostar para ser feliz. Não tem alternativa: tudo que fizer tem que gostar ou então passar a gostar. Eu queria ser médico, transformei-me em professor, adorei ser professor, adorei ser empresário, adorei ser tudo o que eu fiz. A felicidade é a solução, e todo ser humano tem que buscá-la. O ser humano com medo de ser feliz se prende aos grilhões do passado e do futuro, atormenta o seu presente, porque está preso aos dois. O passado não existe; o futuro ainda não existe. O que existe é agora, daqui a pouco é passado. Passado é memória, o passado só deve voltar à tona quando você o transforma em presente. Relembrar uma coisa boa é transformá-la em presente, não é mais passado.

TEATRO

Se eu gosto de teatro? Eu gosto de teatro, sim, eu gosto de arte cênica. Até fiz um teatro por causa disso. Eu sou um ator frustrado. [...] Quando eu fui homenageado pela escola de samba, eu fui um grande carnavalesco. Fui um bom ator, sentia-me num palco vivo, vesti a máscara de ator e me transformei num bom ator. [...] A arte cênica não tem correção: você entrou no palco, não tem jeito de corrigir, é aquele momento. É uma arte muito vibrante por isso, é dinâmica, não permite falha, não permite erro.

FAMÍLIA E LEGADO

Eu acho que o empresário vitorioso tem que ser vitorioso familiarmente. Então, considerando minha família, sou um homem vitorioso também. Consegui mantê-los todos unidos, com o mesmo espírito, com o mesmo princípio. [...] Eu me sinto realizado neste sentido, de fazer uma sucessão. Eu [dizia para eles] vou deixar para vocês ações, se vocês não trabalharem, vão passar fome. Vocês têm que tocar aquilo, porque, se não, não vão herdar nada, vão herdar ações, já mostrando para eles que a empresa é soberana, que eu acredito na empresa, que a empresa desempenha um grande papel social. Só pelo fato de gerar empregos, rendas, já é um grande papel social. [...] Hoje nós temos, entre emprego direto e direto terceirizado, mil funcionários. Isto para mim é gratificante. Você está legando alguma coisa à sociedade, não está sendo omisso. Acredito que uma empresa com força e desenvolvimento social, uma empresa moderna, não tem mais empregado, tem parceiros. São os parceiros do trabalho, participando ativamente da empresa.

PAIXÃO

O jornal é o que eu chamo de minha paixão. O jornal e a rádio. Nós temos um compromisso com a cidade de mantê-la bem informada. Então tem que modernizar comprando um novo equipamento para a modernização da empresa, para impressão do jornal. [...] Não é mais o lado financeiro, é o lado da obrigação que se tem com a sociedade de transmitir, de informar. Temos que manter este compromisso. Estamos sempre investindo no jornal para ter jornal de qualidade, e na rádio também.

O Diálogos Abertos é um projeto de resgate, registro e preservação da memória sociocultural de Juiz de Fora, através de depoimentos de personalidades relevantes. É realizado pela Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora no Museu de Arte Murilo Mendes.

Tribuna de Minas

CADERNO DOIS

BOYZ II MEN

A banda norte-americana de Rythm and blues explode em romantismo e lança o disco "Evolution" em busca do mercado mundial

JUIZ DE FORA, DOMINGO, 21 DE DEZEMBRO DE 1997

Di Cavalcanti

Jóia restaurada

MÉRITO LUGAR DE HONRA

Se a cultura encontra abrigo no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) como um dos espaços privilegiados de Juiz de Fora, ela agora também se depara, nas paredes do museu, com um lugar dedicado aos responsáveis pelo êxito cultural da cidade. *Lugar de honra* é um espaço no *hall* do MAMM que, desde setembro, homenageia artistas, intelectuais, instituições e empresas que contribuíram de forma singular e abrangente para a construção, o resgate e a divulgação da cultura. De acordo com o pró-reitor de Cultura, José Alberto Pinho Neves, "*Lugar de honra* intenciona firmar-se como o reconhecimento da casa de Murilo Mendes àqueles que, com seu dedo criador, transformaram o estado das coisas, determinando-lhes rumos (gêneses) sociais e culturais".

PRECURSOR CADERNO DOIS

1º de setembro de 1981. Um novo jornal circulava em Juiz de Fora e dava início a uma história de sucessivas conquistas para um jornalismo compromissado com seu público. A *Tribuna de Minas* imprimia ousadia e pioneirismo à cidade, que passava a contar com um jornal de cobertura nacional e internacional e, pela primeira vez, com um caderno diário dedicado à cultura. Já no exemplar número 01, um caderno à parte se destacava: oito páginas dedicadas ao conteúdo cultural que a cidade, em plena efervescência cultural, apresentava. Em 1994, o caderno idealizado pelo primeiro editor-geral da *Tribuna*, Eloísio Furtado de Mendonça, ganharia identidade própria e daria origem ao *Dois*. É esta a publicação que toma o saguão do museu em homenagem ao trabalho de resgate da memória e divulgação da cultura que o *Caderno Dois* realiza, 30 anos após sua primeira veiculação.

Na solenidade de inauguração, o reitor Henrique Duque destacou o espírito desbravador do *Dois*: "Ao criar o jornal *Tribuna de Minas*, nosso estimado Dr. Juracy [Neves] assegurou a tradição e a liberdade da informação permanente na cidade desde antigamente, com tecnologias próprias, aos tempos contemporâneos".

Inúmeros profissionais já se revezaram nas reportagens do *Dois*. Mônica Ribeiro, que hoje atua na Coordenação de Comunicação da Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo, formou-se em Comunicação Social pela UFJF e iniciou sua carreira jornalística na *Tribuna*. "Pude burilar o texto, praticar a apuração, refinar as abordagens. Passei quatro anos na *Tribuna*, o que me deu oportunidade de entrevistar personalidades como Fayga Ostrower, Matheus Nachtergaele, Paulo Cesar Saraceni, Celso Blues Boy e tantos outros", relembra.

De acordo com a atual editora do *Caderno Dois*, Isabel Pequeno, as pautas criativas e os ângulos inusitados identificam, até hoje, o jornalismo de responsabilidade e compromissado com o leitor. "Acompanhamos o dia a dia da cultura local, dando voz a novos e antigos talentos, informando a programação cultural da cidade, registrando as mais diversas manifestações artísticas, oferecendo conteúdo que vai além da agenda, com entrevistas e opiniões de especialistas."

A jornalista Mônica Ribeiro considera o *Dois* de extrema importância para a definição de sua vida profissional. "Escrevi sobre quadrinhos, livros, história, psicologia. Mas ao que mais me dediquei foi cobrir a produção local, que sempre foi rica. Teatro, literatura, artes plásticas, enfim." De lá para cá, o *Dois* vem acompanhando a evolução da linguagem do jornalismo. Isabel, que edita o caderno desde 2000, recorda que, nestes 30 anos, a *Tribuna* passou por várias mudanças gráficas, acompanhando as tendências do jornalismo impresso. "Passamos por uma reforma que trouxe mais dinamismo ao caderno, tanto no aspecto visual quanto na linguagem, com mais entradas de leitura. Sempre abordamos os fatos com aprofundamento, levando reflexão aos nossos leitores, que é a tendência do jornalismo impresso atualmente."

O primeiro homenageado é o jornal *Tribuna de Minas* e seu suplemento cultural *Caderno Dois*, que, durante anos, tem se dedicado a documentar as manifestações artísticas da cidade. "Se, no momento, há um lugar de honra, que ele seja inaugurado, registrando, oportunamente, o vitorioso e destemido jornal *Tribuna de Minas*", afirmou o reitor Henrique Duque. Outros três homenageados já estão definidos: a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras, nas figuras dos pintores Sylvio Aragão e Heitor de Alencar; o painel de Nívea Bracher sobre o antigo prédio e a capela do Colégio Stella Matutina; e o escritor Belmiro Braga, que foi professor do poeta Murilo Mendes.

CULTURA UNIVERSITÁRIA

A UFJF, através de sua Pró-reitoria de Cultura, surge como importante palco da cultura local e fonte do jornal, já que administra espaços como o Cine-Theatro Central, o Museu de Arte Murilo Mendes e o Centro Cultural Pró-Música. Nas palavras de Isabel Pequeno, "uma universidade precisa estar sempre na vanguarda. Para isso, é preciso equilibrar o apoio a novos talentos com projetos populares, como a mostra *História em Quadrões*, que movimentou o MAMM."

A editora de cultura ressalta outras ações que contribuem para a preservação da história da cidade, como a aquisição de acervos importantes e o projeto Diálogos Abertos, "grande iniciativa de registro da memória local". Um bom exemplo da contribuição da UFJF está na capa do dia 26 de julho de 1994, quando o *Dois* noticiava os trâmites da transferência do acervo de Murilo Mendes para Juiz de Fora, além de dar destaque ao show de Roberto Carlos que aconteceria no Central.

Entre as páginas que ganham destaque no *Lugar de Honra* estão a primeira capa do jornal, de 1981, além de outras específicas do caderno de cultura. Uma delas, de 3 de dezembro de 1997, assinala a primeira vez em que a cor foi utilizada em suas páginas. O periódico passou por duas grandes reformas, em 1997 e em 2009, e começou a noticiar a cidade em âmbito internacional com seu ingresso no mundo virtual em 1996: inovações jornalísticas e tecnológicas que contribuíram para seu êxito, reconhecido por prêmios nacionais de imprensa.

Gabriel Miranda

Foto: Humberto Nicoline

CAPELA ESPAÇO SAGRADO DA ARTE

A cena artístico-cultural de Juiz de Fora revela um pretérito mais que perfeito, no qual os vitrais e os brancos painéis da Capela Galeria de Arte ocupam sagrado espaço. Sob os olhares do inesperado, a cidade viu ruir, em fins da década de 70, o grande complexo do Colégio Stella Matutina, na Avenida Rio Branco. Remanescente de um conjunto de construções em estilo neogótico, o templo das Servas do Espírito Santo, fundadoras da instituição, integrava todo um quarteirão da área mais nobre da cidade. Vendidos à mesma época, o prédio onde ficavam as salas de aula, inaugurado em 1917, e a capela, aberta nove anos depois, tiveram destinos diferentes.

Reservado às expressões do sagrado, o espaço que ladeava o Colégio – uma reprodução em menor formato da casa central da Ordem das irmãs na Alemanha – foi comprado em 1976, e assim deu-se lugar ao profano. Após alterações, como a iluminação interna e o acréscimo de aparelhos de som, a Capela Galeria de Arte abriu suas portas no dia 17 de dezembro de 1976. Expostos em grandes e brancos trainéis, os trabalhos de Carlos Bracher, Arlindo Daibert, Farnese de Andrade, Inge Roesler, Maria Leontina, Glauco Rodrigues, Ana Maria Maiolino, Carlos Scliar e mais 12 artistas trouxeram os bons ares do contemporâneo e a esperança de uma produção independente e consistente na cidade.

De acordo com Sidivan Ribeiro, responsável pelo empreendimento, a proposta era fixar um mercado de arte privado em Juiz de Fora, além de movimentar o cenário cultural com espetáculos de música, dança e teatro, exposições e conferências. "Eu vivia carregando quadros nas costas. É uma lembrança boa, de uma vida muito agitada. Era um mercado florescente, fantástico", recorda Ribeiro, do alto de seus 74 anos, amparado pelo orgulho por ter resistido durante dez anos à frente de uma das mais ousadas iniciativas artísticas da história local.

Apesar da admirável trajetória, que inclui shows de Alceu Valença, Elba Ramalho e Hermeto Paschoal – considerado como o mais transcendental e marcante evento do espaço –, apresentações do Grupo Tarancón e de Asdrúbal Trouxe o Trombone, mostras de Farnese de Andrade, Giorgio De Chirico e conferências como a da gravurista Fayga Ostrower, o espaço administrou várias dificuldades. "A importância da Capela está no fato de ter sido uma galeria grande, num lugar muito forte. Porém, faltou uma programação consistente", avalia o jornalista e crítico de arte Walter Sebastião.

Sensível às muitas transformações sofridas pela paisagem urbana de Juiz de Fora, a artista plástica Nívea Bracher registrou todo o processo de destruição do templo artístico, o que resultou no trabalho *Rebrincando a paisagem*, selecionado no I Salão Nacional de Artes Plásticas, no Rio de Janeiro. "As demolições do colégio e da capela foram traumas muito grandes. Acredito que, quando uma construção passa por gerações, ela acaba pertencendo à cidade, e deve ser vista com outro olhar", analisa, apontando para a responsabilidade de toda a sociedade perante espaços que constituem a identidade paisagística da cidade, que Nívea nomeia como "patrimônio visual e de vivência".

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, Marcos Olender reforça as ideias da artista, considerando a relevância de uma consciência social que preserve e proteja os patrimônios, independentemente de seus estilos. "Cada estilo traduz como uma região pensa ou pensava a estética no seu período. Mesmo inspirado numa escola europeia, todo estilo assume características próprias e nacionais", defende.

Aos que chegaram depois das ruínas, resta a idealização de um ambiente efervescente. Em tom emocionado, Sidivan declara: "Ficou a saudade. Foi um tempo em que eu era jovem. Ficou a lembrança de uma batalha vencida". E revela que da batalha sobraram escombros, doados a instituições locais, fragmentos de uma boa história.

Mauro Morais

EUCLIDES DA CUNHA CEM ANOS SEM

O centenário da morte do jornalista e engenheiro Euclides da Cunha, em 2009, foi a inspiração para que entusiastas do autor revisitassem sua obra. Reunindo os trabalhos apresentados no seminário Euclides da Cunha – *Cem Anos Sem*, que congregou, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), pesquisadores da obra euclidiana, a Pró-reitoria de Cultura está lançando o livro *Cem Anos Sem*. Organizado pelo pró-reitor de Cultura da UFJF, José Alberto Pinho Neves, e pela coordenadora do Programa Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Nícea Nogueira, a publicação apresenta seis trabalhos que esmiúçam a produção literária de Euclides da Cunha.

Para o vice-diretor da Faculdade de Letras da UFJF, Edimilson de Almeida Pereira, os eventos que resultam em publicações são um avanço na pesquisa de ponta realizada nas instituições de ensino da cidade. Para ele, juntas, as faculdades agilizam a troca de informações e fomentam a pesquisa de qualidade que vem sendo feita na região. "Atento a esta necessidade, o MAMM viabiliza a divulgação de pesquisas importantes e o fluxo de informações entre pesquisadores", completa Edimilson.

Para o professor William Valentine Redmond, que participou da edição, o livro reúne os estudos mais destacados da obra de Euclides. A publicação, segundo ele, amplia o acesso, permitindo que as pessoas que não tiveram a oportunidade de participar do evento conheçam as pesquisas nele apresentadas. "O estudioso de uma obra de literatura, com sua percepção e entusiasmo, termina por contagiar o ouvinte e o leitor a procurarem a beleza que ele tem encontrado na obra-prima."

Seis são os trabalhos presentes em Euclides da Cunha – *Cem anos Sem*. Os autores Aleilton Fonseca, Daniel Piza, Flávio Kothe, Luiz Costa Lima, Marcos Rogério Cordeiro e Rinaldo de Fernandes falam sobre *Os Sertões*, a Amazônia sob o olhar de Euclides e suas relações com a literatura brasileira. Os professores José Alberto Pinho Neves e Nícea Nogueira, ressaltam, no prefácio, que na obra de Euclides da Cunha vê-se um retrato polêmico do sertão e do sertanejo, além de uma ideia de nação concebida por Euclides.

Para o jornalista Fernando Albuquerque Miranda, que estuda a obra euclidiana em seu doutorado, Euclides é um observador atento, que escreve sobre os fatos que presencia com a riqueza de detalhes indispensável ao trabalho jornalístico. "*Os sertões* foi um trabalho que exigiu pesquisa profunda, é fruto de uma observação apurada." Republicano, Euclides deixa clara sua opinião, mas se comove com o massacre que foi a quarta e última expedição do exército brasileiro ao povoado de Canudos. Fernando destaca que o fim do século XIX é um período em que os jornais brasileiros se encontram num momento de confluência entre o jornalismo e a literatura. "Estes dois elementos não são muito distintos nesta época. Por isso, considero Euclides da Cunha um dos pioneiros do jornalismo literário no Brasil."

O lançamento de *Euclides da Cunha – Cem Anos Sem* será realizado dia 21, às 17h, no MAMM, com palestra do ensaísta, poeta e crítico literário Gilberto Mendonça Teles. Formado em Letras e Direito, e doutor livre-docente em Literatura Brasileira pela PUC-RS, hoje Gilberto faz parte do corpo docente do Programa Mestrado em Letras do CES.

Bárbara Ribeiro

AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

29 e 30.10, 15h e 18h
Festival Municipal de Dança e Educação

MAMM
MUSEU DE ARTE MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

Murilo Mendes – Poeta peregrino na Itália
Galeria Convergência

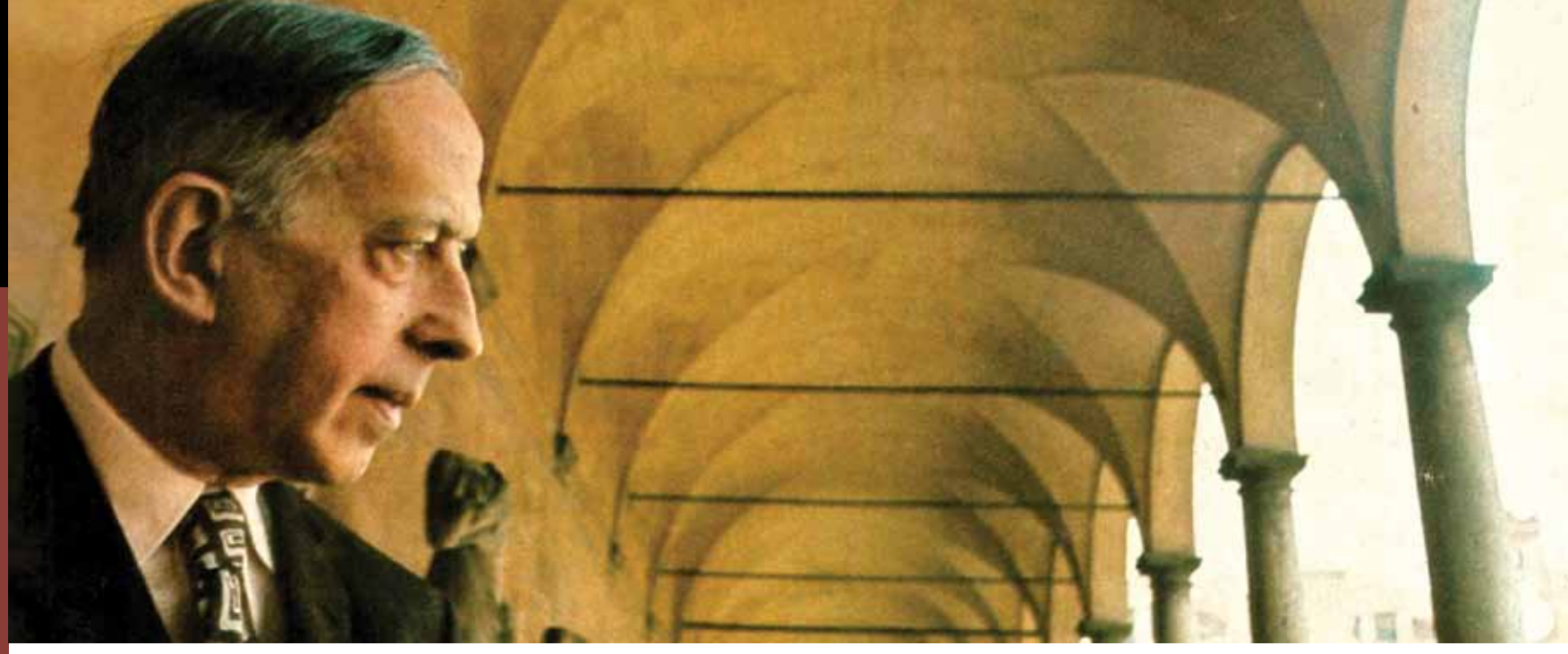
Maravilhas mecânicas
Galeria Retratos-relâmpago

Passaredo
Galeria Poliedro

MUSICAMAMM - IV Anos
06.10, 20h *Marcelo Corrêa*
20.10, 14h *Luis Leite*, Workshop de Violão
20.10, 20h *Tierra y Semilla*, Chile
21.10, 20h *Márcio Hallack*, Lançamento do CD *Piano solo, choro, canções*
22.10, 14h *Dudu Lima*, Workshop de Harmonia
22.10, 16h *Paulo Beto*, Workshop de Trilha sonora
22.10, 19h *Paulo Beto e Grupo*, Performance de vídeo e imagem

CINEMAMM
24, 25, 26, 27 e 28.10, 15h *Dia Internacional da Animação*, Mostra infantil
28.10, 19h30 *Dia Internacional de Animação*, Mostra adulta

LEITURAS TEMÁTICAS
17 e 18.10 15h às 20h
Seminário *Ipotesi/Hipóteses – Murilo Mendes e a Itália*
21.10 17h Lançamento do livro *Euclides da Cunha – Cem anos sem*, Selo MAMM
Palestra com o Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles
27.10, 19h Lançamento do livro *A Metrópole Replicante – Construindo um diálogo entre Metropolis e Blade Runner*, Alfredo Suppia



MURILO VELHO CONTINENTE

Aos 56 anos, Murilo Mendes fez da Itália a sua casa, ao mesmo tempo em que ministrava aulas de estudos brasileiros na Universidade de Roma. "Ele assumiu com muita seriedade o seu novo papel de divulgador da cultura brasileira, sem nunca esquecer, todavia, o seu ofício poético", afirma o professor de Literaturas Portuguesa e Brasileira da Universidade de Roma, Ettore Finazzi-Agrò. No velho continente, o juiz-forano encontrou espaço para publicar, enquanto o Brasil se fechava por conta da ditadura.

No período em que permaneceu na Itália, Murilo passou de hóspede a anfitrião de intelectuais, que se reuniam em sua casa para tratar dos mais diversos assuntos. Essa é a fase da vida do poeta que inspira o seminário *Ipotesi/Hipóteses – Murilo Mendes e a Itália*, promovido pelo Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), através da Pró-reitoria de Cultura, em parceria com o Programa Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Nos dias 17 e 18 de outubro, pesquisadores e leitores de Murilo Mendes poderão aprender mais sobre sua trajetória.

Ipotesi – em português, hipótese – é o livro que resultou das experiências poéticas de Murilo Mendes em italiano. Publicado em 1977, dois anos após a morte do autor, a estrutura da obra já havia sido determinada por Murilo. A imersão em outra cultura também deixou traços na escrita do poeta brasileiro, o que será discutido no primeiro dia do evento pela professora da UFJF Prisca Agustoni com a palestra *A presença da poesia italiana no livro Ipotesi*.

Mais do que relacionar países amigos, expor a ampla contribuição de Murilo Mendes para as artes enquanto ele esteve na Itália é objetivo do seminário. "Na Itália, Murilo Mendes se ligou a um grupo de artistas que despontaram no pós-guerra e que defendiam poéticas abstratas e informais", ensina o professor de filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Lorenzo Mammì (leia mais sobre o assunto na reportagem de capa). A respeito da atuação de Murilo Mendes neste meio artístico fértil, Mammi diz: "Mendes exerceu grande influência, e alguns artistas bastante importantes o reconhecem, ainda hoje, como seu mentor". O professor pretende destrinchar estas relações e explicar quais eram as ideias e características desses movimentos.

RELIGIÃO

Nem sempre, porém, a associação das obras de Murilo Mendes se faz de forma direta com a produção de seus colegas. As características da obra muriliana em muito se assemelham às de outras formas de expressão, como o cinema, por exemplo. O cineasta Pier Paolo Pasolini era frequentador da mesma roda de intelectuais de que Murilo fazia parte na Itália e encontrou na sétima arte forma mais eficaz de expressão. Vinícius Nicastro Honesko aponta para o caráter religioso da produção dos dois artistas, com formação essencialmente católica.

Para o doutorando em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, as memórias de Murilo Mendes, presentes, por exemplo, nos murilogramas, seriam correspondentes ao que Pasolini chamou de *nostalgia da vida*. "Ao colocá-los em choque, procuro fazer brotar a 'força poética comum' de Mendes e Pasolini. Fazendo isto, podemos encontrar mais claramente uma proposta de ação ético-política comum a ambos."

O professor Ettore Finazzi-Agrò complementa: "Deveríamos considerar não apenas a sua atuação como poeta, mas também como intelectual que atravessou e se comprometeu com várias formas de expressão". Segundo o autor, que estará presente no seminário com o trabalho *A pátria dos outros – O entre-lugar de Murilo Mendes*, o poeta tentou habitar o limiar entre as culturas, "ciente de que nessa fronteira, nesse lugar terceiro podia encontrar talvez uma forma diferente de pensar e praticar a poesia".

VISIBILIDADE

Os seminários do MAMM são o resultado do trabalho de estudiosos não somente da obra muriliana, como no seminário *Murilo Mendes: Retratos-relâmpago*, mas também de outros escritores, como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha. Também já se discutiu a arte-educação no seminário *Educação e Museus*, realizado em parceria com o grupo Cronos. A união entre as instituições de ensino tende a enriquecer os eventos. Para a coordenadora do Programa Mestrado em Letras do CES/JF, Nícea Nogueira, esta parceria é de extrema importância, pois aumenta a abrangência dos estudos literários no que diz respeito à maior visibilidade das pesquisas realizadas em Juiz de Fora. "Somando-se esses esforços de cooperação, a produção intelectual torna-se mais rica e mais variada."

Mais do que difundir a obra de Murilo Mendes no Brasil e no mundo, o interesse das novas gerações de leitores e estudiosos pela literatura local também é uma das contribuições que os seminários no MAMM proporcionam. Nícea afirma ainda que, a cada ano, aumenta vertiginosamente o número de defesas de monografias, dissertações e teses que foram, na maioria das vezes, iniciadas em debates e discussões sobre os textos murilianos nesses eventos.

Bárbara Ribeiro

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA **Reitor** Henrique Duque de Miranda Chaves Filho **Vice-reitor** José Luiz Rezende Pereira
PRÓ-REITORIA DE CULTURA **Pró-reitor** José Alberto Pinho Neves **Pró-reitora adjunta** Nelma Fróes

PALCO, órgão informativo da Pró-reitoria de Cultura. **Jornalista responsável** Katia Dias **Edição** Izaura Rocha **Revisão** Darlan Lula **Diagramação** Nathália Duque **Produção e Reportagem** Gabriel Miranda **Reportagem** Mauro Marais **Fotografia** Alexandre Dornelas **Bolsistas** Bárbara Ribeiro, Bruno Fonseca, Maria Luiza Zacarão **Colaboração** Anderson Pires da Silva www.ufjf.br/procult